

SÉRIE TRAJETÓRIAS

Palestrante: pianista Miriam Ramos

Local: Praia do Flamengo, 172/12º

Data: 08 de abril de 1999

Hora: 18h: 30min

Para mim, ser pianista é mais fácil do que falar em público, por isso, escrevi um roteiro para facilitar a explanação para vocês da minha vida.

Nasci Miriam da Costa Mendes, em Cachoeiro de Itapemirim. Minha mãe, descendente de família mineira, tinha a música como complemento de educação. Então, nós todos em casa estudamos piano; somos cinco irmãs, sendo que duas estão presentes aqui nesse auditório. Meu pai, um homem extremamente inteligente e talvez o nosso maior incentivador, era a pessoa que mais se orgulhava das filhas, nós podemos dizer isso do papai. Tive o maior incentivo possível da parte dele.

Comecei a estudar piano aos cinco anos, em Cachoeiro de Itapemirim, com a minha própria mãe. Vim para o Rio de Janeiro com dezesseis anos. Sempre achei que estava dez anos atrasada em minha carreira porque quando cheguei no Rio de Janeiro fui competir com os jovens pianistas que já estavam aqui e que estudavam com grandes professores desde os cinco, seis anos de idade. Sempre tive um propósito: ser pianista. Eu vou até contar dois casos da minha infância para provar as minhas palavras.

Uma vez, quando morava na Rua Ana Machado, nº 23, meus pais fizeram uma reforma na casa e lembro que escrevi num bilhete (eu tinha nove para dez anos) dizendo assim: “quem achar este bilhete algum dia, pode estar certo de que quem o escreveu será uma das maiores pianistas do Brasil”; e o coloquei entre dois tijolos lá. Um dia a casa foi demolida e não sei se o encontraram.

Outro fato interessante: com onze anos, vim com meu pai visitar o Rio de Janeiro e fiz a mesma coisa em um trem. Deixei um bilhete dizendo: “quem encontrar este bilhete guarde porque será da maior pianista brasileira.”

Minha intenção, meu projeto de ser pianista, vem da infância. Aos dezesseis anos, tive contato com os jovens pianistas do Rio de Janeiro. Eu me lembro que um ano depois fiz o primeiro concurso para tocar com a Orquestra Sinfônica Brasileira. Naquela época, era, talvez, o concurso mais almejado. Passaram quatorze concorrentes e eu fiquei em 14º lugar. Mas, já havia conquistado alguma coisa em relação aos jovens pianistas daqui e eu me lembro bem que a minha professora naquela época, Yolanda Ferreira, falou assim: “os últimos serão os primeiros.”

Aos dezenove anos eu me formei em música, aos vinte anos, fiz o Concurso Medalha de Ouro; uma semana depois, me casei e tive que ir para Ponta Porã, Mato Grosso do Sul, com meu marido que iniciava sua vida profissional de médico. Não reclamo de Ponta Porã; lá tive tempo de estudar realmente por ser uma cidade do interior. Então, a partir do meu casamento é que realmente eu pude estudar. Vinha esporadicamente ao Rio de Janeiro para fazer concursos, tirava prêmios, tinha aulas com Arnaldo Estrella, depois com Jacques Klein. Na época, com dezenove para vinte anos,

eu tinha que procurar um centro maior para me aperfeiçoar, mas fui para Ponta Porã. Só fui para Europa dez anos depois; mais uma vez que minha carreira estava atrasada dez anos.

Dos concursos, eu tenho uns fatos até bastante interessantes para contar. A própria medalha de ouro, depois de um ano de formada, não fiquei com ela, fiquei com a de prata, por quê? Anos antes, minha irmã, Isis Moreira, que também é pianista, havia ganhado a medalha de ouro, suplantando um aluno de uma professora que fazia parte da minha banca. Realmente, na ocasião da minha banca ela veio desforrar em mim, o tempo todo criticando a minha prova. Um professor que também fazia parte da banca não se deixou influenciar e veio me contar tal fato. Se eu tivesse, pelo menos, empatado com o meu concorrente, eu teria ganhado a medalha porque eu era quatro anos mais nova que ele e, naquela época, quando havia empate, ficava com a medalha o candidato mais novo.

Outro fato interessante em relação a concurso: fiz pela segunda vez o concurso para a Orquestra Sinfônica Brasileira um ano depois de casada. Quase trinta candidatos estavam concorrendo e eu fui uma das três classificadas. Em 1960, exatamente 150 anos do nascimento de Chopin, e eu toquei o seu *Concerto n° 1*, com Arthur Fiedler regendo a OSB.

Posso considerar aquele concurso como o início da minha carreira porque saíram duas críticas favoráveis nos jornais, e eu nem conhecia os críticos, nem os havia convidado. O Teatro Municipal inteiro me aplaudiu e eu disse para mim mesma: vou ser convidada para a temporada da OSB! Cheguei a Ponta Porã e fiz o vestido mais lindo que vocês podem imaginar, todo dourado, como se eu fosse uma princesa, e deixei o vestido esperando para o convite da OSB. Passaram-se trinta e nove anos, o vestido está pendurado no armário e eu nunca fui convidada. Esse ano faz cento e cinquenta anos da morte de Chopin e eu continuo com o vestido pendurado. Provavelmente, vou tocar o *Concerto n° 1*, esse ano aqui no Rio, não sei se com a OSB, e, quem sabe, eu vou vesti-lo.

Um terceiro fato em relação a concursos: no Rio Grande do Sul, fiz o Concurso Nacional de Piano que me deu o direito de passar dois anos na Europa. Eu já havia conseguido uma bolsa de estudo quando estava grávida do meu primeiro filho, Henrique Jorian, que está presente tirando as fotografias. Ganhei uma segunda bolsa quando ele tinha 1 ano e 2 meses, mas eu jamais teria coragem de largar meu filho aqui para estudar na Europa porque eu sempre o coloquei acima da minha carreira. Consegui uma bolsa de estudo neste Concurso Nacional dez anos mais tarde da época em que eu desejaria ter ido para a Europa. E neste concurso existiu um fato bastante interessante também. Tive como concorrente uma aluna daquela mesma professora que havia me prejudicado na Medalha de Ouro. Eu tirei 1° lugar e essa concorrente desistiu do concurso quando viu que não ia ganhar; foi um pouquinho a minha desforra.

Fui para a Europa, estudei com grandes professores, depois eu vou citá-los, e voltei ao Brasil. Voltei e encontrei uma corrente bem forte, em círculo, atado, no Rio de Janeiro, como se ninguém mais pudesse entrar.

A diretora da Sala Cecília Meireles, à época, não me dava chances, até que dois jornalistas me ajudaram na minha carreira, um deles é o Carlos Dantas, que escreve na “Tribuna da Imprensa”

todas as quartas-feiras. Não somente ele faz uma grande divulgação da música clássica, como ele vai aos recitais de músicos que vivem no Brasil. Faz críticas também de discos. Tenho a crítica do Carlos Dantas deste CD que estou lançando hoje na Academia Brasileira de Música. Ele me ajudou muito porque ele gritava nos jornais que eu necessitava ter uma chance na Sala Cecília Meireles. Diante disso, essa diretora se viu na contingência de me dar uma oportunidade. A partir de então, nunca mais deixei de tocar na Sala Cecília Meireles. Só não toco quando não quero por algum motivo particular.

Outro jornalista que na época escrevia no 2º caderno do “O Globo”, Fuad Atala, não somente gostava de música clássica, como estudava piano. Ele fazia páginas de divulgação falando sobre a música erudita, então, eu posso dizer que, nessa época nós tínhamos divulgação de música erudita. No momento, só o Carlos Dantas continua. Nós, músicos, artistas, regentes necessitamos da mídia porque se nós não temos a mídia, o rádio, a televisão a nosso favor, como vamos conseguir público que possa nos assistir? A nossa televisão passa os mais baixos programas possíveis para a população! Eu diria que, se cada canal de televisão fosse obrigado a passar duas horas por dia de programas com assuntos culturais, o povo brasileiro estaria mais educado nas artes; mas, geralmente, estão nos cargos importantes as pessoas ou que não entendem nada de música ou então, ao contrário, às vezes são pianistas e não dão oportunidades aos outros pianistas para não tirarem o seu próprio lugar. Realmente é um mundo cão.

O maestro Armando Prazeres, que a violência este ano nos tirou, dizia: “se cada rádio tocasse por semana duas horas de música clássica, nós, da orquestra, teríamos empresas que nos patrocinariam.” Por que as empresas não nos patrocinam? Porque elas não sentem retorno na música clássica.

O Brasil precisaria ser mais educado em relação às artes, nós precisamos deste público mais educado.

Os críticos dos dois maiores jornais que temos no Rio de Janeiro têm até uma seção que promove a música clássica. Eles fazem a divulgação, mas eles não comparecem aos recitais, eles ficam só esperando as estrelas que vêm de fora, muitas vezes nem são as melhores estrelas, para comparecerem a um recital. Por isso, eu dou muito valor ao Carlos Dantas.

Um artista não se faz sozinho, ele tem sempre que dizer muito obrigado a várias pessoas. Eu, por exemplo, tenho que dizer muito obrigada primeiro à minha família, mãe, pai que me incentivaram; depois à minha segunda família, meu marido e meus filhos. Eu tenho um marido que acho que toda pianista gostaria de ter, incentivando nos momentos certos, me ajudando mais do que nunca nos momentos de dificuldade. Ele está aqui presente, tenho que dizer muito obrigada a ele, a meus dois filhos, Cláudio Leonardo e Henrique Jorian que a vida inteira tiveram que compartilhar com a música, dividir o meu tempo com a música. Tenho certeza que dei atenção a meus filhos nas horas certas, eu só não podia passar o dia inteiro com eles, em parte acho que foi bom porque eu criei uma personalidade de independência neles.

Aos professores, aos meus prezados professores da cidade de Cachoeiro de Itapemirim, dona Betinha, dona Carminha, depois a Yolanda Ferreira, na Escola de Música, Arnaldo Estrella e

Jacques Klein. Depois na Europa à Nadia Boulanger e Dominique Merlet, em Paris, Ilona Kabos, em Londres. Tenho que agradecer a Marek Yablouski, um professor polonês que me abriu as perspectivas para tocar Chopin. Tenho que dizer muito obrigada também às pessoas que me promoveram no exterior.

A maioria das vezes viajei ao exterior com passagem obtida pelo Itamarati. Meus agradecimentos à Helena Lorenzo Fernández que me fez tocar em Madri e Paris; à Raquel Brown que me fez tocar em Londres; a Hélio Guerreiro que me fez tocar em Nova York, no Carnegie Hall. Quinze dias antes de minha apresentação, a sala já estava lotada e ele está presente aqui, meu muito obrigada. Tenho que dizer obrigada também à minha família que a vida inteira teve que escutar os meus estudos de piano e a várias outras pessoas que, talvez, nesse momento de emoção, esteja esquecendo de nomear.

Obrigada a vocês aqui presentes, ao maestro Edino Krieger, ao professor Ricardo Tacuchian, que me convidou para falar sobre a minha vida. Este momento é extremamente importante para mim, inclusive, por estar lançando este CD de música brasileira.

Eu quero dizer que em todos os recitais que fiz pelo mundo afora, e mesmo no Brasil, sempre valorizei o nosso compositor brasileiro, sempre apresentei quase metade do recital com músicas brasileiras.

Bom, agora eu teria que talvez fazer um pouco de reclamação. De quê? Do nosso Brasil, nós não estamos passando uma fase boa, aliás, o Brasil sempre foi o país do futuro, esse futuro nunca chega!

Em relação a projetos culturais, eu tenho até que elogiar dois projetos do Brasil, um deles é a Lei Rouanet, do Ministério da Cultura, e o outro é a Isenção do ISS, da Prefeitura. Para a Lei Rouanet, por exemplo, mandei meu projeto para passar os meus long-plays para CD, e eles aprovaram. Meu marido teve a capacidade de passar setenta e três faxes para empresas e essas empresas, talvez 10%, me responderam que não era o objetivo delas e que no momento não podiam arcar com os custos, mas a maioria nem respondeu.

No momento, consegui, através da isenção do ISS da Prefeitura do Rio de Janeiro, que duas empresas financiassem os meus CDs. Para mim, é uma realização de vida. Devo isso ao Pró-Cardíaco e ao Hospital Samaritano que estão fazendo essa promoção através da lei da Prefeitura. Vou passar todos meus long-plays para CD e ainda vou gravar mais algumas obras, além de acrescentar outras que já gravei há alguns anos esperando exatamente patrocinador para colocar em CD.

Em nosso Brasil, principalmente em nossa cidade do Rio de Janeiro, estamos passando por um período terrível em que já nos é difícil até sair de casa, vivemos trancados e os bandidos quase que fizeram um segundo governo. São eles que têm os armamentos, são eles que mandam na sociedade, eu não posso aceitar essa disparidade social que existe no Brasil. Outro dia, conversando com um jornalista, ele me disse que 40% da população brasileira não tem a categoria

nem de pobre, eles são miseráveis. Isso entristece a qualquer pessoa. Um país se faz praticamente das artes, da ciência e da política.

E nossos políticos então! Fica aqui também o meu protesto contra a nossa situação, contra o Brasil, contra o que nós estamos passando no momento. O governo atual faz absurdos de dívidas lá fora e somos nós, os contribuintes, somos nós, os funcionários públicos, os aposentados que temos que pagar por isso. Eu não posso aceitar esta situação, acho que todos nós deveríamos viver com dignidade, mesmo na classe mais pobre. O que se vê no Rio de Janeiro? Assassinos, meninos jogados na rua, mendigos jogados na rua. Eu tenho que deixar esse testemunho porque daqui a cinquenta anos, quem sabe alguém vai ouvir e vai dizer: “não, naquela época já era assim”. Eu não sei se nosso Brasil vai melhorar, é o país do futuro, quem sabe, algum dia, o povo poderá dizer: “hoje está melhor”.

Gostaria de esclarecer que, apesar de contar a história do meu vestido de princesa e do convite da OSB jamais ter se concretizado, nestes anos que me separaram do *Concerto nº 1*, de Chopin, com Arthur Fiedler, dos concertos que fazem parte de meu repertório, doze deles toquei com orquestra, em mais de vinte e cinco apresentações no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Paraná, com as orquestras sinfônicas desses Estados. No Rio de Janeiro, toquei algumas vezes no Projeto Aquarius, com a Orquestra Sinfônica Brasileira. Devo ao maestro Armando Prazeres várias apresentações com a Orquestra Petrobrás Pró-Música, inclusive, a gravação em long-play da *Fantasia para piano, coro e orquestra*, de Beethoven. Também fui solista com a Orquestra Sinfônica Nacional e com a Orquestra Sinfônica da Escola de Música.

Gostaria, ainda, de abordar nesta oportunidade a minha atividade como professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Entrei na Escola de Música por concurso, depois de obter título de Docência Livre e Doutor em Música. Cheguei à professora titular lecionando piano e didática nos cursos de graduação e pós-graduação.

Quero deixar registrado aqui os títulos dos CDs que gravei até hoje:

- Duo Mignone, com Maria Josephina Mignone, cd duplo
- Piano Brasileiro (70 anos de história)
- Homenagem a Chopin
- Sonatas e sonatinas de Mignone (participação)
- Villa-Lobos
- Tchaikovsky-Prokofieff
- Schumann
- Brahms
- Beethoven (primeira e última Sonatas)
- Polonaises e Noturnos
- Piano Brasileiro II (mais 70 anos de história)

É só isso o que tenho para dizer a vocês, obrigada.